

O milenar e o singular: a interpretação e a significação do mito do Gênesis e da Horda Primitiva na construção do poder masculino

Henrique Figueiredo Carneiro
Andréa Maria de Senna Marques

A dominação masculina, invenção social quase naturalizada, de cujo peso homens e mulheres padecem, é, na contemporaneidade, marcada por uma superposição de novas subjetividades como contrapartida ao imaginário enganador sob o qual foi construída, através de mitos, aproveitando sua estrutura sincrônica e diacrônica, da pré-história até hoje, ou até que se ampliem as fronteiras dos saberes sem negar as especialidades, permitindo o conhecimento das singularidades, a fim de melhor pensar o mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Mito, estrutura, dominação, masculinidade

Introdução

Há diferenças entre as diversas mitologias e religiões da humanidade, entretanto, uma vez compreendidas essas diferenças, é possível avaliar que são bem menores do que popular e politicamente se supõe, até porque como dizem os Vedas: “a verdade é uma só, os sábios se referem a ela por muitos nomes”.

“A mitologia é aparentemente, contemporânea da humanidade”, conforme Campbell (2000, p. 24) uma das maiores autoridades no estudo dos mitos, porque mesmo que apresentem amplas variações em termos de ambiente, de incidentes e de costumes, os mitos de todas as civilizações oferecem um número ilimitado de respostas aos mistérios da vida.

A palavra grega *mythos* significa fala, narração, concepção. Os mitos são, e isto é fundamental, narrativas tradicionais acerca de deuses e heróis, ou então, descrições acerca da origem do mundo e de sua ordenação no “era uma vez”. Ambas as definições são, pelo menos para o domínio grego, demasiado estreitas, e ainda mais o é uma limitativa, de que o mito é fundamentalmente uma narrativa sagrada, sacralizada. Em vista de tais acepções, é recomendável que não se procure a especificidade do mito no conteúdo, mas na função. Uns indicativos neste sentido são os nomes que aparecem nos mitos, dos quais pelo menos boa parte deles remete, inequivocadamente, para deuses e suas festas, cidades que existiram, para santuários antiquíssimos, túmulos de heróis.

O mito tornou-se, desde o início do século passado, novamente respeitado e muito comentado, sem que no entanto se liberte da ambigüidade que lhe está adstrita: “o mito é ilógico impossível, por vezes até imoral, e pode ser falso, mas ao mesmo tempo compulsivo, fascinante, profundo, digno, quando não menos sagrado” (Burkert, 1991, p. 15). Faz-se apelo, ora, por uma tendência emancipadora, ora nostálgica, a considerar

um mito como pré-juízo, e assim a superá-lo ou a reconduzí-lo à sua ligação com a pré-ciência originária.

Inúmeros são os sentidos atribuídos ao mito. Burkert (1991, p. 18) um dos grandes estudiosos deles, em uma de suas obras comenta: “o mito é narrativa aplicada, como verbalização dos dados complexos supra individuais, coletivamente importantes”. O mito neste sentido nunca existe puro em si, mas tem por alvo a realidade, sendo simultaneamente uma metáfora quando se fala de narração. A seriedade e dignidade do mito procedem desta aplicação: um conjunto de narrativas tradicionais proporcionando o meio primário de concatenar experiências e projeto da realidade e de exprimir em palavras, de comunicar e dominar, de unir o presente ao passado e, simultaneamente, de canalizar as expectativas do futuro.

O mito é antes de tudo uma idéia que circunscreve e fixa um acontecimento, por isso ele é sentido e vivido antes de ser entendido e formulado. Sendo uma representação coletiva, um produto do inconsciente, que chegou até a contemporaneidade através de inúmeras gerações, o mito repete-se ao longo dos tempos, com outra indumentária, o que, porém, pouco importa (Furlani, 1992, p. 2).

Os mitos encerram temas bem definidos, que reaparecem sempre e por toda à parte, e na opinião de Jung (*apud* Furlani, 1992, p. 2), quanto mais nítidas as representações arquetípicas, mais acompanhadas de tonalidades afetivas vívidas elas são, para influenciar e impressionar. O poder dos mitos é de fato uma qualidade quase única, pois demarcaram a vida, a arte, a cultura, a crença, mesmo a religião exprime-se por meio deles e, a filosofia nunca se emancipa deles completamente.

A modificação na forma de sua apresentação assinala que ele se dá em todas as épocas ou nos mais diversos níveis culturais; mas, através de suas manifestações imperturbadas, por nenhuma consciência, é possível ver o genuíno estado da experiência humana ou a repetição de sintomas, de realidades, de anseios das necessidades humanas.

Tanto essa assertiva é verdadeira que desde quando o ser humano foi capaz de acompanhar as primeiras evidências fragmentadas e dispersas da emergência da sua espécie, foram detectados sinais indicando que as metas e as preocupações mitológicas já estavam moldando as artes e o mundo do Homo Sapiens.¹ Essas

1. O professor L. S. B. Leakey, a cujas descobertas no leste da África deve-se a maior parte de que tudo que se conhece sobre os primeiros homídeos, foi que denominou a mais humana de suas descobertas de Homem capaz. Tal achado está em comentários de George Grinnel (Block foot Lodge, Tales) em 1916, p. 104-12, publicado em Nova York e, posteriormente, de Joseph Campbell (the moskes of good – volume1, Primitive Mythology) em 1959, p. 282-6.

evidências dizem algo sobre a unidade da espécie humana, pois os temas básicos do pensamento mitológico permaneceram constantes e universais, ao longo de toda a história, bem como no decurso de toda a ocupação da Terra pela humanidade. Normalmente, ao tratar da evolução do homem, os cientistas concentram-se nas características anatômicas e traços físicos que os distinguem. Entretanto, considerado o caráter psicológico mais evidente é a organização, pelo homem, de sua vida de acordo, inicialmente, com as leis místicas e posteriormente econômicas.

Se uma característica diferenciadora deve ser nomeada, separando a psicologia humana da animal, é sem dúvida esta, a da subordinação, até mesmo da economia à metodologia. Também o cérebro humano manifestou uma compreensão desconhecida de outros primatas: a do indivíduo consciente de si mesmo enquanto tal, e consciente de que ele próprio e todos aqueles a quem ele cuida um dia irão morrer.

O reconhecimento de que eram mortais e a necessidade de transcendê-la foi o primeiro impulso, o grande impulso à mitologia. A este reconhecimento seguiram-se outras compreensões, como a de que o grupo social em que o ser humano nasceu e que o acolheu protegendo, ele próprio deve ajudar a proteger pois florescia antes de seu nascimento e continuará permanecendo após sua morte. Isso significou o conhecimento da necessidade de adaptar-se a ordem de vida organizada acima da sua.

É fato que a compreensão da humanidade a respeito do universo tem se alterado no decorrer dos milênios, bem como a consciência que as pessoas adquiriram da existência de classes sociais e da necessidade de proteção do indivíduo como um fim e uma entidade em si mesmo. Isto, assinalou uma mudança extremamente importante, cujas implicações têm assinalado diferenças marcantes em pontos de vista tradicionais que no passado deram origem a interpretações contrastantes de mitos compartilhados (Cambell, 2000, p. 25-6).

O Mito do Gênesis e da Horda Primitiva: símbolos do poder masculino

O diálogo com mitos busca a via do conhecimento da personalidade humana e, é enriquecedor tentar penetrar, explorar, entender as características díspares e infinitas de mitos, sua presença positiva e negativa, como a do sol e da lua, como a da água e do fogo e, de muitos outros elementos do cosmo (Furlani, 1992, p. 25).

Através dos mitos que cercam o masculino e o feminino, percebe-se que desde a criação do mundo, as instâncias culturais, religiosas, políticas, econômicas

e sociais foram moldando o papel do homem e da mulher. Assim é que mito e história, realidade e sonho, passado e presente, impregnam-se repetidas vezes, em diferentes partes do mundo, na história de vida do ser humano. Assim foi que todas as culturas primitivas e modernas tiveram e têm a sua mitologia. As obras de Homero, Hesíodo, Ovídio, Ésquilo, Platão e tantos outros alimentaram a meditação de gregos e romanos, sendo legados à tradição ocidental, tanto quanto o mito do Gênesis e da Horda Primitiva. Todavia, é possível observar algumas diferenças marcantes em pontos de vista tradicionais que, no passado, em diversas partes da Terra, deram origem a interpretações contrastantes de mitos compartilhados.

Relativamente aos primeiros livros da Bíblia, era costume, tanto entre judeus como entre os cristãos, conceber literalmente as narrações como se fossem relatos fidedignos acerca da origem do universo e de eventos pré-históricos reais. Supunha-se e se transmitia as gerações que a criação do mundo ocorrera em sete dias, realizada por um ser supremo conhecido somente dos judeus, que em algum lugar desse planeta, havia um magnífico paraíso do Éden, e nele, na aurora do mundo, Jeová (Deus) pensou em criar o homem para coroamento da Criação.

No Gênesis I, 27 é dito: “Deus criou o homem e a sua imagem, à imagem de Deus o criou, macho e fêmea o criou”. É a passagem mais densa do mistério, pois introduz “o conceito de androginia do indivíduo, o supremo princípio da humanidade total do Uno que é feito Dois”, mas é também conceito que consente em perpetuar na Terra, mediante a multiplicação da espécie, na união do macho com a fêmea – “a imagem de Deus, pois o homem lhe é semelhante” (Sicuteri, 1998, p. 13).

Adão trazia em si dois princípios: o masculino e o feminino, e tais princípios só foram separados sucessivamente. Diversas são as fontes que permitem ver nas aparentes contradições do Gênesis, a criação da mulher que respondia, inicialmente, a motivações teológicas e depois a justificações antropológicas.

Rabbi Abbâ (apud Pauly, 1978, p. 27), no *Livro do esplendor* – O Sepher Há-Zohar comenta:

... o primeiro homem era macho e fêmea ao mesmo tempo, pois a escritura diz: façamos o homem à nossa imagem e semelhança (Gên. I,26). É precisamente para que esse homem se assemelhasse a Deus que foi andrógino. O enigma está nos versículos do Gênesis onde está dito o criou “e logo após” os criou. Adão teria sido, para o Gênesis (I, 26-27), dois em um. Isso encerra o mistério supremo, que constitui a glória de Deus, inacessível à inteligência humana e que constitui objeto de fé (Sicuteri, 1998, p. 14).

Na tradição talmúdica, na Torah e nos Midrash² estão extensos comentários acerca do Gênesis que apresenta o primeiro homem como indivíduo composto de duas partes, destaca a androginia de Adão – o semblante simbólico de Deus. O significado teológico rabínico do andrógino, em realidade, não se concilia como semelhança de totalidade do Divino ou seja que o primitivo Adão tivesse, evidentemente, uma sexualidade de todo indiferenciada; mesmo no Gênesis bíblico coloca-se em evidência um comportamento sexual de natureza semi-animal de Adão.

O Gênesis diz: “não é bom que o homem esteja só” (Gen. II, 18). Adão ainda é andrógino, talvez em sentido psíquico, mas ignora a alteridade sexual, é ainda meio animal, proclama sua solidão. Jeová, não ainda havia até então encontrado para Adão um ajudante que fosse semelhante a ele (Gênesis, II, 22). Sabe-se que os pastores e caçadores, das perdidas e desérticas terras do Oriente, tinham a prática de unir-se aos animais para descarregar o ímpeto arcaico de seu instinto sexual (Sicuteri, 1998, p. 19). Prova dessas práticas vêm das repetidas prescrições repressivas das escrituras talmúdica e cabalística. No Deutero, XXVII, 21, os Levitas, entre outros, proferem: “maldito aquele que deita com qualquer animal”.

Somente no Gênesis II é que o primeiro homem dotado de alma é capaz de conhecer a necessidade de mulher: “assim o homem conferiu nomes a todos os animais, a todos os voláteis do céu e a todos os animais selvagens. Mas o homem não achou um ajudante que fosse semelhante a “ele” (Gen. II, 20). No texto são claros “as alusões obscuras de uma remoção da bestialidade adâmica” (Sicuteri, 1998, p. 20).

É nesta fase do mito que Adão abandona o caráter de identificação com o divino, expresso pela androginia, supera a sexualidade primitiva (animal) como ser vivente e, então, expressa o desejo de companheira. E então, nasceu a mulher segundo RABI – AHÁ por desejo de Adão, que havia descoberto a própria, solidão, também a própria alma (*apud* Rabbâ, 1978, p. 136).

O Gênesis II, 21 diz: “Jeová fez cair um sono profundo sobre o homem que adormeceu, tomou-lhe uma das costelas e fechou a carne em seu lugar”. A costela ou as costelas, segundo comentário de Rabbâ (1978, p. 71), é o símbolo da nova identidade que nasce deles, isto é, o casal. Por isso, à parte que foi tomada devia ser a resultante dos dois, isto é “dois em uma só carne”. A citação bíblica menciona: “Jeová Deus construiu com a costela que havia tirado do homem, formando uma mulher, e a conduziu ao homem. Então o homem disse: Desta vez é osso dos meus ossos e carne da minha carne” (Gênesis II, 22-24).

2. Livros de ensinamentos que precederam a Bíblia do Cristianismo, ou seja de povos primitivos que acreditavam em um só Deus.

A surpresa de Adão, ao constatar que desta vez, a fêmea é uma dádiva certa e bela. Haverá em sua exclamação a confirmação de uma primeira vez, referindo-se a outra mulher precedente? Esta indagação é de Rabbâ (1978, p.142) que procura entender quem seria a mulher que estava com Adão. Lilith?

Lilith é um mito arcaico, seguramente anterior, na redação Jeovística da Bíblia, ao mito da Eva, a primeira, a primeira companheira de Adão. O conteúdo do mito da Lilith tem certo paralelismo com o mito da Eva, entretanto é relevante destacar que a Lilith surge no mito, desde o princípio como um demônio, um ser deixado por Deus em estado informe. Entretanto, o Gênesis não apresenta informações relativas a criação de demônios. Eles aparecem posteriormente, associados a serpentes. Lilith está pois, na versão jeovística, mais próxima do protótipo natural da mulher do que Eva e por isso é refutada pela consciência bíblica que realizava constante repressão aos instintos primitivos do ser humano (Sicuteri, 1998, p. 30).

Há acerca de Lilith um absoluto mistério. Nos testemunhos do Torah está a descrição da primeira mulher (saliva e sangue) que, submetida no Gênesis, poderia ser Eva. Mas a citação do Gênesis sobre a surpresa de Adão e sua afirmação: “Dessa vez são ossos dos meus ossos e carne da minha carne”, seria uma “experiência psicológica de aproximação onde se poderia ver uma condensação de duas experiências” (Rabbá, 1978, p. 144): o conhecimento carnal (censurado e removido) , a aceitação da imagem externa da companheira, a que é mais agradável ao Pai e à Lei, mas que será também fonte de pecado. Tratar-se-ia de uma experiência libídica profunda, distinta em duas fases, com um princípio implícito de ambivalência?

Há inúmeros mitos que se referem à mulher, sublinhando-a com diferentes conotações, na maioria das vezes de forma contraditória, pois ao mesmo tempo em que lhe atribuem todas as qualidades, dadas pelos deuses, é entregue ao homem como um mal. A grande tradição dos testemunhos orais, reunidos nos textos da sabedoria rabínica, definida na versão jeovística, que se tentou apresentar lado a lado, grifou que na versão do Gênesis, há contradições e pontos obscuros, principalmente com relação ao casal primitivo e ao nascimento da primeira mulher. Assim Lilith, perdeu-se no tempo ou foi excluída na época da transposição da versão jeovística para o sacerdotal (após Cristo) e de outros realizados posteriormente.

Sem pretensão crítica à versão cristã, ou a engendrar uma sistematização de tão secular controvérsia, o mito da Lilith, na opinião de Sicuteri, agrega-se como:

... energia psíquica formadora do mito e do arquétipo, ao núcleo concernente à história da relação entre Anima e Animus, e para entender as origens endo-psíquicas da cisão entre instinto e pensamento, para esclarecer o grande equívoco do primado masculino sobre a mulher sentida como inferior. (Sicuteri, 1998, p. 24)

Todavia, as duas versões do Gênesis sobre o casal primitivo, ressaltavam na da criação e do pecado original, uma posição moral e intelectual intrinsecamente inferior à mulher. Ingênuo supor que os autores, tanto do antigo quanto do novo testamento, pudessem estar, amplamente, isentos de preconceitos da época em que viveram. Ainda que a saga de Lilith não apareça na versão do Gênesis, ela alcançou a contemporaneidade através dos testemunhos dos rabinos, do Zohar e das mitologias babilônicas, hebraicas, sumério – acadianas e persa entre outras.

Lilith tornou-se desagradável porque procurou estabelecer paridade, uma harmonia que significava igualdade entre corpos e almas e, Adão não aceitou a transgressão à ordem instituída. Para compensar a solidão de Adão, Jeová Deus criou Eva como sua companheira e a ele semelhante, mas Eva desobedece ao Criador e prova do fruto proibido, dando-o, também, ao companheiro. Imediatamente, Deus convocou Adão e este se escondeu, pois passava a ter consciência de sua nudez. À pergunta do Jeová Deus sobre o que acontecera, Adão incriminou Eva: “A mulher que me destes por companheira, deu-me do fruto da árvore, e eu comi dele”.(Genesis. III, 12). A mulher justificou-se: “a serpente me enganou e eu comi” (Genesis. III,13).

Deus julga e condena, a serpente em primeiro lugar, depois a mulher: multiplicarei o sofrimento de tuas gestações, darão à luz a teus filhos na dor tu te voltarás para teu marido, estarás sob seu poder e ele terá domínio sobre ti. Em seguida, Adão é condenado. É então que ele nomeia sua mulher [...]. Dá-lhe seu nome, Eva porque havia de ser a mãe de todos os viventes (Duby, 2001, p. 46).

A narração bíblica supõe-se conceber que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, e tal semelhança aproxima o homem de Deus, embora a maioria dos judeus e cristãos pensassem-no desprovido de corpo, logo estando além de qualquer sexualidade. No entanto, o judaísmo antigo foi um contexto particularmente adequado para formalizar de várias formas como a imagem de uma divindade masculina sustenta uma ordem patriarcal.

A propósito, Eilberg-Schwartz (1995, p. 31) comenta que boa parte da crítica feminista da religião, não reside na experiência de ter um pai que é projetado, mas sim a própria idéia de masculinidade. O próprio ideal de masculinidade permaneceu embutido em uma configuração especial de relações sociais, em que “as prerrogativas e poderes sociais mais valiosos encontram-se nas mãos dos homens”.

As imagens de divindades masculinas simbolizam o significado de ser homem, refletindo e justificando, através dos séculos, uma ordem social na qual a dominação masculina era a regra. A divinização instituída da masculinidade justificava não só a ordem social, como dava forma ao significado da masculinidade.

Numa sociedade que compreendia o homem como tendo sido criado “a imagem de Deus”, fazia sentido que essa masculinidade funcionasse como norma dessa humanidade, como ocorria na comunidade judaica; porque a masculinidade divina refletia e justificava que os homens dominassem.

A descrição freqüente de Deus como o “Deus de seus pais” ou “o Deus de seu pai Abraão”, também colaboram para mais estreita ligação da divindade com o papel da paternidade, do privilégio e poder do homem (Gênesis, 26,24). O mito da criação em sua essência maior foi inúmeras vezes ressignificado, pois o seu sentido não se encontra em seus elementos isolados, mas em sua composição que varia e permite diversas interpretações. “A substância do mito não se encontra nem no estilo nem no modo de narração, nem em síntese, mas na história que é relatada” (Levi-Strauss, 1955, p. 230).

O mito da Horda Primitiva é um fragmento do que vivenciou o homem primevo, ao descobrir que estava em si melhorar a sua sorte na Terra, através do trabalho. Na família primitiva, o lugar das instituições religiosas e sociais que eles não tinham era ocupado pelo totem, via de regra um animal que mantinha relação com todo o clã ou tribo; constituindo-se seu espírito guardião e auxiliar, que embora perigoso para os outros, reconhecia e poupava os próprios filhos. Todavia, os integrantes do clã tinham obrigações sagradas de nada tentar contra seu totem, ou tirar proveito dele de quaisquer maneiras.

O totem não estava vinculado a um lugar, assim é que membros de outros clãs totêmicos viviam pacificamente em diferentes localidades, porém em todos os lugares, existia uma lei contra as relações sexuais entre pessoas do mesmo totem e, conseqüentemente, contra seu casamento. Trata-se da exogamia, uma instituição relacionada ao totemismo, laço mais forte que os de sangue ou de família no sentido contemporâneo.

As restrições do totem divergem do tabu, que são distintas das proibições religiosas ou morais. Não se baseiam em ordens divinas ou de seres divinizados, mas se impõem por sua própria determinação. Pode-se encontrar o tabu como código de leis não escrito mais antigo do homem. Supõe-se que o tabu precedeu os deuses, remontando a um período, anterior à existência de qualquer religião. Era imposto a fim de prevenir assaltos ou danificações à propriedade e aos bens de um indivíduo.

A violação de um tabu transformava o próprio transgressor em “tabu”. A fonte do tabu é atribuída “a um poder mágico peculiar que é inerente a pessoas e espíritos” e pode ser transmitido por intermédio de objetos inanimados (Freud[1913]1999, p. 30). Ao tabu está associado certo número de proibições e essas se dirigem particularmente contra a liberdade de prazer e contra a liberdade de movimento e comunicação, em alguns casos visam claramente a renúncia e a abstinência sexual. Por trás de tais proibições parece haver algo como uma teoria

de que elas são necessárias pois certas coisas e pessoas são carregadas de certo poder perigoso que se pode transferir através do contato com eles.

O totem e tabu alicerçam-se em proibições; às relativas ao totem porque o consideravam como supersticioso respeito, acreditando existir entre ele e todos os membros do clã uma relação íntima e forte inteiramente especial, além de que a sentiam como benéfica: o totem protegia o homem e este o distingue respeitando-o. As restrições de tabu destinavam-se a proteger do poder mágico e destrutivo o ser ou objeto e que podia ser transmitido como uma doença.

Na verdade, os homens primitivos ofereciam dois aspectos valiosos, pontos de concordância com o totemismo e sua atitude emocional ambivalente para com este. Por isso, é possível justificar a substituição do animal pelo pai na forma do totemismo.

Nos lugares onde o sistema totêmico ainda se acha em vigor atualmente, os homens descrevem o totem como sendo um ancestral comum e pai primevo. Decorrentemente, se o animal totêmico é o pai, persistem as duas principais ordenanças do totemismo, as duas proibições de tabu que constituem seu âmago: não matar o totem e não ter relações sexuais com a mãe.

A observação do Mito do pai da Horda Primitiva, descrito por Freud ([1913]1999, p. 146-8), o que se apresenta é um pai violento e ciumento que guarda todas as fêmeas para si próprio e expulsa os herdeiros à proporção que vão se tornando maiores, possíveis concorrentes na disputa das mulheres. Certo dia, os filhos insubmissos perceberam que unidos tornavam-se fortes, por isso voltaram juntos, investiram contra o pai tirano, mataram-no. A explicação a esta barbárie, do pai tirânico sendo morto e devorado pela conjuração dos filhos exilados, explica-se porque um grupo de jovens vivendo juntos em celibato forçado, a tudo assistiram em sua impubescência, entretanto, com o tempo adquiriram forças e inevitavelmente arrebataram contra a vida do pai. E, canibais como eram, também devoraram a vítima. O violento pai da horda primitiva fora sem dúvida o temido e o invejado modelo de cada grupo de irmãos, que o odiavam porque representava um obstáculo poderoso a seus desejos sexuais e aos seus anseios de poder; mas inconscientemente o amavam e o admiravam também.

Assim foi que ao se livrarem do pai, satisfizeram seu ódio e revolta, no entanto emergiu o desejo de identificarem-se com ele. A afeição que todo o tempo tinha sido recalçada, fez-se sentir e sob a forma de remorso. Surgiu o sentimento de culpa, o pai morto tornou-se mais forte do que fora em vida. O que fora proibido por sua existência real, foi a partir de então proibido pelos próprios filhos: acontecia a “obediência adiada”. “Anulavam o próprio ato, proibindo a morte do totem”, o substituto do pai, e renunciavam a seus frutos, abrindo mão das mulheres liberadas e atônitas ante o sucedido. Nasceram os dois tabus fundamentais do totemismo: “a proteção do ser totêmico e a proibição do incesto” (Freud,

[1913]1999, p. 148-9). Os preceitos do tabu constituíram o primeiro “direito” ou “lei”. O mito da Horda primitiva mostra um pai, chefe, de vontade arbitrária e irrestrita. Em totem e tabu, o caminho que iria além dessa família à etapa subsequente, a da vida comunal sob a forma de grupos de irmãos e das restrições que tiveram de impor-se mutuamente.

O Homem e o poder construído

Os mitos da criação do mundo, próprio às sociedades patriarcais, levaram bem adiante a vantagem do pai. Para a civilização judaico-cristã, Adão é criado por um Deus másculo, sem intervenção do menor princípio feminino. A criação de Eva, ressalta que a mulher é duplamente filha do ser masculino. É criada por um Deus a partir do corpo do homem – simbolicamente a costela de Adão.

A partenogênese masculina justifica a diferença qualitativa entre os membros do primeiro casal. Adão é filho de Deus, feito à sua imagem, porém Eva só é filha do homem, e, como tal, menos próxima do Divino, de que seu companheiro. Adão conservará o papel essencial, espiritual, à imagem de Deus, até porque ele seria o agente da transmissão da vida, a alma-princípio divino que faz do ser vivo um humano. Assim, ele é evidentemente superior a tudo e a partir dessa convicção é possível observar desde as mais antigas civilizações como a estrutura de dominação e de poder do homem estabeleceu-se, naturalizou-se e assim se eternizou, perdendo-se de vista ser parte de um processo histórico e como tal passivo de mudanças.

Mudanças que esbarram num trabalho incessante, ou seja, igualmente, histórico de reprodução pelos homens e instituições – família, Igreja, Estado – lugares de elaboração e imposição de princípios que fundamentaram um acordo das estruturas sociais e das estruturas cognitivas e se reforçaram com a violência simbólica pela qual as estratégias e práticas determinaram a construção social dos corpos e fizeram do corpo uma realidade sexuada e depósito dos princípios de visão e divisão sexualizantes.

Recorrendo a uma estratégia de objetivação, como as estruturas de dominação da ordem social masculina, se estabeleceram nas primeiras sociedades, percorreram as estratégias e práticas que determinaram a construção social dos corpos e resultaram na incorporação da dominação; a violência simbólica que se instituiu quando o dominado só dispunha para pensar a dominação de instrumentos ou conceitos naturalizados de que seu ser social é produto. A posição da mulher na economia de bens simbólicos, com o apoio da família e da Igreja, guardiãs do capital simbólico; as constantes ocultas que geraram um irreal natural construído, de escolhas orientadas, que tinham o masculino como medida de todas as coisas

e a própria ordem social, como imensa máquina simbólica, que ratificava a dominação masculina na divisão social do trabalho, na divisão do trabalho sexual, na estruturação do espaço, do tempo e do corpo.

Inverter uma relação causa – efeito afirmando que não é biológica, mas uma construção arbitrária do biológico que deu fundamento aparentemente natural às divisões sociais estabelecidas: contesta que a dominação simbólica possa ser vencida apenas com tomada de consciência, pois assinala que na própria história das mulheres não basta constatar as mudanças, é preciso atentar para que as próprias mulheres não contribuam à sua exclusão.

Apesar dos avanços obtidos pelo feminismo e da transformação nas condições, na condição da mulher, ainda se constata que a antiga forma de dominação que permanece na ordem social e opera na obscuridade dos corpos, muito dele, e nela, permanece; o que comprova que esta ordem injusta e dominadora só pode ser transformada por uma ação social e política que considere em todos os ângulos os efeitos deste poder há tanto construído.

A força da ordem masculina pôde ser evidenciada no fato de que apoiada pelos mitos e rituais, divulgados e alimentados por instituições forte e penetrante como a religião (Igreja) dispensava justificção, dispensando os discursos que parecem legitimá-la, até porque as ordens fundamentais (Estado/Igreja) funcionam intensamente, utilizando-se simbolicamente das interpretações simbólicas atribuídas a Deus e ao homem para ratificar a dominação masculina.

A dominação masculina se impôs ao longo dos séculos, cristalizando no homem que ele era o símbolo do poder, da superioridade em todas as formas, fez-se através dos princípios e crenças que inferiorizavam a mulher, excluindo-a, para que se fizesse do princípio mítico-ritual a maior força de divisão de todo o universo, a dissemetria fundamental; a do sujeito e do objeto, do agente e do instrumento instaurado entre o homem e a mulher no terreno das trocas simbólicas, das relações que estão na base da ordem social. As mulheres sendo vistas como objetos ou como símbolos cujo sentido constituiu-se fora delas e cuja função era contribuir para a perpetuação do capital simbólico em poder dos homens, desde que o Velho Testamento estabeleceu através da interpretação que lhe foi atribuída, em que uma única divindade masculina determinara com firmeza que as mulheres eram inferiores aos homens, até porque Eva pretendeu igualar-se a Deus, comendo o fruto da sabedoria.

Considerações finais

A masculinidade é uma ideologia que justifica a dominação exercida pelo homem. Ela foi construída, transformada e ensinada, por séculos, às novas gerações, na tentativa de perpetuar o poder masculino.

O discurso conservador divulgado incansavelmente, justificava a subordinação da mulher ao homem, por ser vontade de Deus, um argumento confortável, já que isentava de qualquer culpa quem defendesse a desigualdade sexual e a dominação masculina. Assim foi que o patriarcado, um sistema histórico, pôde determinar também um processo histórico. E, como os seres humanos, devido suas qualidades superiores, puderam transformar padrões de comportamento que internalizaram conceitos e normas, que se cristalizaram num processo cruel, alicerçado na premissa da sociedade patriarcal: a de que a dominação masculina era inevitável.

Toda a superioridade atribuída ao homem serviu para justificar e apoiar durante milênios a dominação da mulher. Crenças, mitos e lendas das diversas civilizações assinalam essa superioridade, que o homem submeteu-se, ajudou a construir sem questionar e exerceu-a pois aparentemente só teriam vantagens num sistema que o coloca numa posição superior, é seduzido a lutar por sua manutenção. Porém, corresponder à expectativa de ser homem abrange uma ideologia de dominação mais ampla; partindo da opressão do homem sobre a mulher, estende-se a outras esferas de dominação: como a dos homens mais fracos, das raças consideradas inferiores, das nações menos ricas e até da própria natureza.

A evolução da sociedade foi mutilada, sofreu mudanças radicais. O ser humano foi moldado por novos padrões gerados pela ânsia de poder e dominação sem limites. A cultura dominada pelo homem, autoritária, intransigente e violenta foi sendo admitida como natural e adequada como se fosse característico de todos o sistema humano. Dessa forma, os novos valores construídos pelo poder, para o poder penetraram nos mais profundos recônditos da alma humana, em seu inconsciente, instalaram-se e durante muito tempo foram aceitos como verdades imutáveis.

O mito do Gênesis modelou e atemorizou a moral e a vida sexual das gerações de homens e mulheres tementes de Deus. Essa imagem coletiva poderosa responde pelo sentimento de culpa, de dúvida e de tantos questionamentos que ainda persistem profundamente interiorizados nas pessoas e contribuem para o conflito sexual da sociedade pós-cristianismo.

O mito da Horda Primitiva de forma diferente assinala a idéia do homem como ser superior à mulher e foi absorvida pelas leis e costumes das antigas civilizações do Oriente Próximo. Quando a Igreja Cristã, solidamente baseada em fundações hebréias, tomou conta do mundo ocidental, os relacionamentos social e sexual ficaram fossilizados no âmbar do costume hebreu.

Aos preconceitos do Oriente Próximo, os pais da Igreja acrescentaram os seus. As proibições foram muitas. A Igreja fez uso da sexualidade para discriminar a mulher, para exercer mais e mais o controle do poder, a dominação em favor

do poder do homem já instituído, como forma de continuar fomentando o seu próprio poder religioso, pois temia que a liberdade sexual pudesse se generalizar e lhe tirasse toda a autoridade.

No fundo, de todos esses fatos e os que se sucederam modificando certas faces do poder e gradativamente instituindo outros e gerando na contemporaneidade os questionamentos que se fazem homens e mulheres procurando descobrir a via do conhecimento da personalidade humana. E numa incursão pelo labirinto mágico das emoções e dos desejos pergunta-se: serão os mitos a própria história dos homens? Os deuses serão os próprios homens?

O mito é, inegavelmente, um horizonte, inatingível, não sendo acessível enquanto tal, mas sim por partes; ou seja nas narrativas que aludem a ele e lhe dão uma forma. Sendo difuso, tem uma estrutura mínima que precisa ser articulada, para poder significar, isto é, é na combinação das seqüências que ele significa, não em seus elementos isolados.

Este clamor por descobrir os mitos, sua realidade, suas faces escondidas pelas interpretações que lhe atribuíram conforme a conveniência das civilizações de cada época histórica, desnuda algo fantástico: ele se deixa interpretar eternamente, e esta interpretação torna-se ela mesma um novo mito; agrega novas formas de o mito expor suas mensagens. Será porque, como diz Lacan (1987, p. 60) “ele mantém uma relação singular com alguma coisa que está sempre implicada por trás dele.” O mito é ao mesmo tempo muito distante, seja ele religioso ou social, no sentido que demonstra certas circunstâncias que não estão absolutamente submetidas à invenção subjetiva. Seria por isso que em “Desmasculinizando Israel”, seu autor exprime todo o anseio do homem em desconstruir o mito da masculinidade?

*Anula minha masculinidade, Senhor, e torna-me
Mulher e frágil,
Se por essa total transformação
Eu puder conhecer melhor a Ti.
De que vale o meu próprio sexo
Se o audaz instinto possessivo
Só faria afastar-Te de mim?
Quanta inutilidade habita meus quadris,
Para instigar, instigar o feroz orgulho da vida,
Quando necessária é uma imobilidade silenciosa?*

A alma é feminina para Deus
Irmão Antoninus (William O. Everson), *The Crooked Lines of God*

Para isso, os homens precisam conquistar espaços para que progridam como seres humanos, apenas. Que as mulheres ampliem seu entendimento da atitude

masculina. E, que a qualidade de vida dos seres humanos construa-se despreocupadamente com o poder.

Referências

BADINTER, Elizabeth. *Um é o outro*. 5. ed. Trad. de Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BURKERT, Walter. *Mito e mitologia*. Trad. de Maria Helena da Rocha Pereira. Rio de Janeiro: Edição 70, 1991.

CAMPBELL, Joseph. *Para viver os mitos*. Trad. de Anita Moraes. São Paulo: Cultrix, 2000.

CUSCHNIR, Luiz. *Homens sem máscaras: paixões e segredos dos homens*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

DE Pauly, G. (org.). *O livro do Zohar*. São Paulo: Atonor, 1978.

DUBY, Georges. *Eva e os padres: damas do século XII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

EILBERG-Schwartz, Howard. *O falo de Deus*. Trad. de Solange de Souza Barbosa. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

FREUD, Sigmund (1913). *Totem e tabu*. Trad. por Órizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

FURLANI, Lúcia Maria Teixeira. *Fruto proibido: um olhar sobre a mulher*. São Paulo: Pioneira, 1992.

HILMANN, James. *O mito da análise*. Trad. de Evaton M. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

LACAN, J. *O mito individual não é neurótico*. Lisboa: Assírio e Alvin, 1987.

LEVI-StrAUSS, C. *A estrutura dos mitos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1955.

LINS, Daniel (org.). *A dominação do masculino revisitada*. Trad. de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Papirus, 1988.

NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

RABBA, Beresit. *Comentário do Gênesis*. Trad. de T. Frederici. Torino: UTET, 1978, v. I.

SICUTERI, Roberto. *Lilith: a lua negra*. 6. ed. Trad. de Norma Telles. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

Resumo

Male domination, the almost-naturalised social invention, from the weight of which men and women suffer, is today marked by superimposition of new subjectivity in counterpart upon the deceiving imagery on which it was constructed, through myths, making use of its synchronous and diachronic structure, from pre-history to current times, or until the frontiers of knowledge are broadened without denying specialities, enabling knowledge of singularities, in order to better contemplate the contemporary world.

Key words: Myth, structure, domination, masculinity